

A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SER MULHER E SER HOMEM, SOB A ÓTICA DA 'PRATELEIRA DO AMOR', COMO MECANISMO DE MANUTENÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO

THE SOCIAL CONSTRUCTION OF BEING A WOMAN AND BEING A MAN, THROUGH THE LENS OF THE 'LOVE SHELF', AS A MECHANISM FOR MAINTAINING GENDER-BASED VIOLENCE

Thayná Aparecida Silva dos Santos¹

Resumo: O presente trabalho analisa de que forma a construção social do ser mulher e do ser homem contribui para a manutenção das violências de gênero, tomando como base a teoria da “prateleira do amor”, proposta por Valeska Zanello, em diálogo com os estudos de gênero. Parte-se da hipótese de que a socialização feminina, centrada na validação afetiva e no amor romântico, favorece a tolerância a relações abusivas, enquanto a socialização masculina, associada à virilidade, poder e dominação, legitima práticas de controle e violência. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, de natureza bibliográfica, fundamentada na análise de obras teóricas e dados sobre violência de gênero no Brasil. Dados do DataSenado (2021) indicam que uma em cada três mulheres brasileiras já sofreu algum tipo de violência, evidenciando a relevância social da temática. A discussão aponta que as desigualdades de gênero são sustentadas por dispositivos culturais, emocionais e simbólicos que naturalizam a violência. Conclui-se que a compreensão crítica dessas construções é fundamental para o enfrentamento da violência de gênero, destacando o papel da educação e do letramento de gênero como estratégias de transformação social.

Palavras-chave: gênero; violência de gênero; prateleira do amor; construção social.

Abstract: This study analyzes how the social construction of being a woman and being a man contributes to the maintenance of gender-based violence, taking as a basis the "love shelf" theory proposed by Valeska Zanello, in dialogue with gender studies. It stems from the hypothesis that female socialization, centered on affective validation and romantic love, fosters tolerance toward abusive relationships, while male socialization, associated with virility, power, and domination, legitimizes practices of control and violence. This is a qualitative, bibliographical study based on the analysis of theoretical works and data on gender-based violence in Brazil. Data from DataSenado (2021) indicate that one in three Brazilian women has experienced some form of violence, underscoring the social relevance of the topic. The discussion highlights that gender inequalities are sustained by cultural, emotional, and symbolic devices that naturalize violence. It is concluded that a critical understanding of these constructions is fundamental to tackling gender-based violence, highlighting the role of education and gender literacy as strategies for social transformation.

¹ Centro Universitário do Vale do Ipojuca - Unifavip | Wyden. E-mail: santtosthayna@hotmail.com



Keywords: *gender; gender-based violence; love shelf; social construction.*

1. INTRODUÇÃO

As construções culturais exercem papel central na formação das subjetividades, orientando modos de sentir, agir e se relacionar. Entre esses aspectos, destacam-se as relações de gênero, compreendidas como um dos eixos estruturantes das culturas ocidentais, na medida em que organizam papéis sociais, expectativas e hierarquias entre homens e mulheres (Zanello, 2022). Nesse campo de estudos de gênero, destacam-se contribuições da psicóloga e filósofa Valeska Zanello, que analisa os dispositivos emocionais que atravessam a constituição subjetiva de homens e mulheres, em seu livro a “Prateleira do amor”.

A violência de gênero, nesse contexto, configura-se como um grave problema social, cujas raízes estão vinculadas às construções culturais de masculinidade e feminilidade. Dados do DataSenado (2021) indicam que uma em cada três mulheres brasileiras já sofreu algum tipo de violência praticada por um homem, evidenciando a dimensão estrutural do problema.

Além disso, a violência contra as mulheres ocorre tanto no âmbito público quanto no privado, sendo neste último que assume suas formas mais recorrentes e naturalizadas. É, sobretudo, no espaço doméstico e nas relações íntimas que essas violências se manifestam de maneira mais intensa, revelando sua conexão direta com as dinâmicas afetivas e familiares (Day et al., 2003; Engel, 2020).

Diante disso, este trabalho se insere no campo dos estudos de gênero e tem como recorte analítico a compreensão das relações afetivas a partir da teoria da “prateleira do amor”. Busca-se responder à seguinte questão norteadora: de que forma a construção social do ser mulher e do ser homem, sob a ótica da ‘Prateleira do amor’, contribui para a manutenção das violências de gênero? O objetivo geral é analisar como essas construções sociais sustentam práticas de violência, considerando os processos de socialização, emocionalidade e relações de poder.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA



Para compreender a violência de gênero, é necessário analisar o conceito de gênero como uma construção social, histórica e cultural. A palavra “gênero” ganhou destaque durante a segunda onda do feminismo, entre as décadas de 1960 e 1970, quando se passou a questionar a naturalização dos papéis atribuídos a homens e mulheres, onde defendia-se que há aparato biológico inquestionavelmente diferenciado entre homens e mulheres. Ou seja, homens e mulheres seriam biologicamente distintos, sendo gênero uma construção social a partir dessas diferenças. Nesse contexto, embora existam diferenças biológicas entre os sexos, essas diferenças passaram a ser utilizadas para justificar desigualdades sociais, associando as mulheres ao cuidado e ao espaço doméstico, enquanto os homens foram vinculados à provisão e ao espaço público. Assim, o que se apresenta como “natural” é, na realidade, resultado de processos históricos e culturais articulados às dinâmicas do capitalismo e à divisão sexuada do trabalho (Zanello, 2022).

A partir da década de 1980, com a terceira onda do feminismo, essa perspectiva passou a ser criticada, especialmente por sujeitos que não se reconheciam nas categorias universalizantes de “homem” e “mulher”. Judith Butler (2012) contribui para essa discussão ao afirmar que a própria diferenciação sexual é uma criação de gênero, da cultura, não se trata de negar que existem diferenças físicas, até porque elas existem, mesmo entre duas mulheres ou dois homens, mas de questionar como essas diferenças são significadas culturalmente e utilizadas para sustentar relações de poder e desigualdade. Nesse sentido, Judith Butler afirma não existe identidade de gênero, para ela gênero é performance, são como roteiros que já existem antes de nascermos e são mantidos por práticas sociais.

Além disso, a perspectiva interseccional evidencia que as experiências de gênero são atravessadas por marcadores como raça, classe e sexualidade, produzindo diferentes níveis de vulnerabilidade social. Dados do Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM (2025) demonstram que 60,4% dos registros de violência contra mulheres adultas ocorreram contra mulheres pretas e pardas, evidenciando como desigualdades raciais e socioeconômicas intensificam a violência de gênero no Brasil.



Nessa perspectiva, o gênero também se articula com dispositivos culturais que produzem e reforçam padrões normativos. Teresa de Lauretis (1994) denomina esses mecanismos como “tecnologias de gênero”, ou seja, práticas sociais e culturais — como mídia, escola e família — que não apenas representam, mas produzem e reproduzem formas específicas de masculinidade e feminilidade. Tais tecnologias atuam diretamente na construção das subjetividades e emocionalidades. No caso das mulheres, essas tecnologias frequentemente reforçam a centralidade do amor romântico, do cuidado e da validação afetiva — é só prestar atenção por exemplo para os brinquedos e brincadeiras que são ditas de “meninas” e de “meninos”, nas histórias de conto de fadas, nos filmes românticos — enquanto, para os homens, enfatizam a força, a dominação e a virilidade.

A partir dessas contribuições, Valeska Zanello propõe compreender o gênero também como uma organização das emoções. Segundo a autora, homens e mulheres são socializados para sentir, desejar e se relacionar de formas distintas, a partir de dispositivos específicos. No caso das mulheres, destaca-se o dispositivo amoroso, que centraliza o amor romântico como eixo de validação subjetiva.

Nesse sentido, emerge a teoria da “prateleira do amor” onde o valor social das mulheres está diretamente relacionado à sua capacidade de serem escolhidas afetivamente. Essa prateleira é mediada por um ideal estético, historicamente construído, e quanto mais distante desse ideal, maior a chance que a mulher não seja escolhida para um relacionamento afetivo/romântico e sim preterida (e objetificada sexualmente). Essa lógica produz terceirização da autoestima feminina, rivalidade entre mulheres e maior tolerância a relações abusivas, já que o rompimento pode ser vivenciado como fracasso pessoal.

Paralelamente, o dispositivo materno reforça a ideia do cuidado como responsabilidade feminina, naturalizando desigualdades emocionais e domésticas. Segundo Zanello, esse processo ocorre por meio do “heterocentrismo”, no qual meninas e mulheres são socializadas para direcionar sua existência ao outro, especialmente aos homens e à família.

Em contrapartida, os homens são socializados a partir do dispositivo da eficácia, associado à virilidade, ao domínio e ao poder. Conforme Badinter (1992), a masculinidade



exige constante reafirmação, frequentemente baseada na negação do feminino, contribuindo para práticas marcadas pela misoginia, objetificação e violência.

Além disso, a socialização masculina ocorre em espaços de validação entre homens, o que Zanello denomina como “casa dos homens”. Nesse espaço simbólico, meninos e homens são incentivados a demonstrar virilidade e domínio, reforçando relações hierárquicas e práticas de violência contra mulheres e outras masculinidades consideradas inferiores.

Dessa forma, a articulação entre os conceitos de gênero como construção social, tecnologias de gênero, dispositivos emocionais e prateleira do amor permite compreender que a violência de gênero não é um fenômeno isolado, mas um produto de estruturas culturais que organizam desigualdades e legitimam relações de poder.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de natureza bibliográfica. Segundo Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de materiais já elaborados, principalmente por livros e artigos científicos, possibilitando a análise e interpretação de diferentes perspectivas teóricas sobre um fenômeno. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir a compreensão dos significados, valores e construções sociais que permeiam as relações de gênero. Conforme Minayo (2002), esse tipo de pesquisa trabalha com o universo dos significados, crenças e valores, sendo adequada para investigar fenômenos sociais complexos que não podem ser reduzidos à quantificação. A escolha desse tipo de estudo justifica-se pela necessidade de compreender, de forma crítica e interpretativa, como as construções sociais do ser mulher e do ser homem contribuem para a manutenção das violências de gênero, tomando como base a obra *A Prateleira do Amor*, de Valeska Zanello..

O percurso metodológico compreendeu as seguintes etapas: definição do problema e dos objetivos da pesquisa; levantamento e seleção das obras e documentos pertinentes à temática; leitura exploratória e analítica do material selecionado; e sistematização dos conteúdos para construção da análise.



O corpo teórico foi composto por obras de referência na área, com destaque para as contribuições de Valeska Zanello, Judith Butler e Teresa de Lauretis. Também foram utilizados dados institucionais, como DataSenado (2021) e o Relatório Anual Socioeconômico da Mulher – RASEAM (2025) com o objetivo de contextualizar a problemática abordada da violência de gênero no Brasil.

Os critérios de seleção das obras consideraram a relevância acadêmica, a pertinência temática e a atualidade das discussões. A análise do material ocorreu por meio de leitura exploratória e analítica, buscando identificar categorias centrais, como construção social de gênero, dispositivos emocionais, tecnologias de gênero e violência.

Os dados secundários foram utilizados como suporte empírico para a análise teórica e selecionados com base em sua relevância para evidenciar a incidência da violência de gênero no Brasil. Esses dados foram analisados de forma interpretativa, buscando estabelecer relações com os conceitos teóricos mobilizados no estudo.

Como limitação, destaca-se que, por se tratar de uma pesquisa bibliográfica, o estudo não contempla a produção de dados primários, restringindo-se à análise de referenciais teóricos e dados secundários disponíveis.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise do material selecionado evidenciou que o “dispositivo amoroso”, conforme discutido por Valeska Zanello, atua como um mecanismo de regulação das subjetividades femininas, condicionando o valor social das mulheres à validação afetiva masculina. A articulação entre os referenciais teóricos e os dados institucionais analisados demonstrou que essa lógica contribui para a permanência de mulheres em relações abusivas, uma vez que o rompimento pode ser percebido como fracasso pessoal e afetivo.

Os dados apresentados pelo DataSenado (2021) e pelo RASEAM (2025) evidenciam que a violência de gênero não se configura como um conjunto de casos isolados, mas como expressão de relações de poder historicamente construídas e socialmente reproduzidas. A recorrência dos índices de violência contra mulheres demonstra como determinadas formas de



masculinidade ainda estão associadas à ideia de domínio e controle sobre o feminino. Paralelamente, observa-se que muitas mulheres são socializadas para construir sua subjetividade a partir da validação afetiva, e da manutenção dos relacionamentos, o que pode contribuir para a tolerância e permanência em relações marcadas pela violência.

A análise evidenciou que a construção social da masculinidade, associada à virilidade, ao domínio e ao dispositivo da eficácia, contribui para a legitimação de práticas de controle e violência. Conforme Judith Butler, o gênero é produzido por meio de performances socialmente reguladas, permitindo compreender a violência como parte de um repertório aprendido e reiterado socialmente. Assim, a necessidade constante de afirmação masculina reforça relações desiguais de poder.

A categoria “tecnologias de gênero”, proposta por Teresa de Lauretis, possibilitou compreender como instituições sociais, como família, escola e mídia, atuam na reprodução de padrões normativos de feminilidade e masculinidade. A análise demonstrou que esses mecanismos contribuem para a naturalização da violência ao reforçarem modelos baseados na submissão feminina e no controle masculino.

Além disso, observou-se que a violência de gênero é atravessada por outros marcadores sociais, como raça e classe, o que intensifica desigualdades e vulnerabilidades. Assim, os resultados indicam que as violências de gênero estão diretamente relacionadas necessidade de estratégias educativas e de letramento de gênero voltadas à problematização dessas estruturas culturais.

Nesse contexto, torna-se fundamental estimular reflexões críticas sobre afetividade, autonomia emocional e construção das relações. Para as mulheres, questionamentos relacionados aos próprios desejos, limites e projetos de vida podem contribuir para o fortalecimento da autonomia, descentralização do amor romântico, e para o reconhecimento de situações de violência frequentemente naturalizadas. Entretanto, a desconstrução dessas dinâmicas não deve ser compreendida apenas como responsabilidade individual, mas como uma demanda coletiva e social.



Nesse contexto, torna-se fundamental estimular reflexões críticas sobre afetividade, autonomia emocional e masculinidades. Ações educativas e espaços de debate sobre gênero e violência podem contribuir para a construção de relações mais igualitárias e menos violentas. Assim, o letramento de gênero apresenta-se como uma ferramenta importante no enfrentamento das violências, por possibilitar a problematização das normas sociais que atravessam os afetos, os vínculos e a construção das identidades.

5. CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo analisar de que forma a construção social do ser mulher e do ser homem, sob a ótica da “prateleira do amor”, contribui para a manutenção das violências de gênero. A partir da análise desenvolvida, foi possível compreender que tais violências não se configuram como eventos isolados, mas como expressões de estruturas culturais que organizam subjetividades, afetos e relações de poder de maneira desigual.

Os resultados evidenciaram que a socialização feminina, marcada pelo dispositivo amoroso e pela centralidade da validação afetiva, contribui para a naturalização da submissão e para a permanência em relações abusivas. Em contrapartida, observou-se que determinados modelos de masculinidade, associados à virilidade, ao controle e à negação do feminino, favorecem a legitimação de práticas de dominação e violência. a. Nesse sentido, a análise permitiu compreender que a violência de gênero está diretamente relacionada às formas como homens e mulheres são socializados e ensinados a construir seus vínculos afetivos e suas identidades.

A articulação entre os conceitos de “prateleira do amor”, dispositivos emocionais e tecnologias de gênero possibilitou ampliar a compreensão sobre os mecanismos que sustentam a naturalização da violência, especialmente nas relações afetivas. Além disso, a utilização de dados institucionais, como DataSenado (2021) e RASEAM (2025), permitiu evidenciar que a persistência da violência contra mulheres no Brasil está associada a padrões culturais historicamente reproduzidos, reforçando o caráter estrutural do problema.



Como contribuição, o estudo destaca a importância de compreender a violência de gênero para além de perspectivas individualizantes, reconhecendo-a como fenômeno atravessado por processos de socialização, relações de poder e construções culturais de masculinidade e feminilidade. Dessa forma, o trabalho contribui para o debate sobre gênero e violência ao enfatizar o papel dos afetos, das emoções e das expectativas sociais na manutenção de relações desiguais. Os achados também apontam para a necessidade de fortalecer estratégias de letramento de gênero em diferentes espaços sociais, especialmente no contexto educacional. A promoção de debates críticos sobre afetividade, masculinidades, autonomia emocional e violência pode contribuir para a desconstrução de padrões que naturalizam práticas abusivas e desigualdades nas relações entre homens e mulheres.

Como limitação, destaca-se o caráter exclusivamente bibliográfico da pesquisa, que não contemplou a produção de dados primários. Nesse sentido, sugere-se que estudos futuros possam aprofundar a investigação por meio de pesquisas empíricas, analisando como esses dispositivos operam em contextos concretos e em diferentes marcadores sociais, como raça, classe e sexualidade.

Conclui-se, portanto, que o enfrentamento da violência de gênero exige não apenas medidas legais ou punitivas, mas também a transformação das estruturas culturais e simbólicas que sustentam relações desiguais. Assim, o letramento de gênero apresenta-se como uma ferramenta importante para a construção de relações mais equitativas, críticas e menos violentas.

REFERÊNCIAS

BUTLER, J. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DATA SENADO. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. Brasília: Senado Federal, 2021. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br>. Acesso em: 09 abr. 2026.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.



LAURETIS, Teresa de. A tecnologia de gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

MINAYO, M. C. de L. (Org.) Pesquisa social: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 21. ed. 2002

RASEAM. **Relatório Anual Socioeconômico da Mulher 2025**. Brasília: Ministério das Mulheres, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mulheres/pt-br/central-de-conteudos/publicacoes/raseam-2025.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2026.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, gênero e dispositivos: cultura e processos de subjetivação**. Curitiba: Appris, 2018.

ZANELLO, Valeska. **A prateleira do amor: sobre mulheres, homens e relações**. Curitiba: Appris, 2022.

